

RELIGIÃO E PATRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

ADMINISTRADOR — J. A. DE FARIA SILVA

SEM ESTAMPILHA.

Por uma serie ou 50 numeros 1\$200 rs.
Folha avulso 40 rs.

Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias particulares 30 rs. por linha.
— As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador d'este jornal. A assignatura deve ser paga adiantada.

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS E SABBADOS.

COM ESTAMPILHA.

Por uma serie ou 50 numeros 1\$450 rs.
Folha avulso 50 rs.

2.^a SERIE

Quarta-feira 14 de Outubro de 1863.

N.º 13.

EXPEDIENTE.

Podendo finalmente remover-se a difficuldade, que obstava á regular publicação d'este periodico, temos hoje a satisfação de annunciar aos nossos illustres assignantes, que d'ora avante será elle regularmente publicado todas as quartas feiras e sabbados.

GUIMARÃES 13 DE OUTUBRO DE 1863.

É hoje moda o dizer-se, que a verdadeira religião consiste nas adorações do espirito e do coração, e no sentimento intimo, com que se presta a Deus o culto interno; e não falta por ahí quem apregoe todos os dias, que são praticas de superstição e de fanatismo as homenagens exteriores dos ritos sagrados e das solemnidades religiosas, que constituem o culto externo.

Neste pregão quotidiano, com que temerarios deistas pretendem destruir os sentimentos religiosos do povo, ou, pelo menos, adormecel-o no somno profundo da indifferença, não ha quem não presinta e veja o grito dissonante da impia incredulidade, que n'um excesso d'orgulho, e na indocilidade e impaciencia de suas paixões, murmura contra o freio da authoridade divina, e recusa prestar ao Soberano Senhor do universo as publicas homenagens de respeitosa submissão, que o vassallo deve ao monarcha, ao senhor o servo, e o filho ao pae! Monstruoso erro, na verdade, o qual não importa menos, do que um atheismo pratico, em que o homem, esquecido da divindade, e obedecendo só ao impulso de seus desejos e de suas inclinações, se engolfa no mar tempestuoso das paixões mundanas, e escorrega com intima complacencia pelo declive forçado da ultima depravação moral.

Como catholicos de profundas e enraizadas convicções, e porque nos propoemos,

quando vestimos a toga de tribunos da imprensa, pugnar pela santa causa da verdade e do bem contra as argucias e seducções do erro e do mal, corre-nos dever imperioso de acudir ao combate contra estes novos iconoclastas, que ao culto externo chamam uma *comedia* e ás praticas religiosas *formulas theatraes*.

Sentimos, que as dimensões d'esta folha e a nossa limitada intelligencia nos não permittam dar ao assumpto todo o desenvolvimento de que elle é susceptivel; mas, não obstante, sempre faremos sobre elle algumas breves e ligeiras considerações.

Reduzir toda a religião a um puro sentimento intimo e a uma adoração interna do espirito, é desconhecer a natureza do homem, o qual não é só dotado d'uma alma intelligente, mas foi tambem creado com órgãos corporeos, destinados a traduzir em actos externos e visiveis os sentimentos e determinações d'essa alma.

Como se poderia dizer que o homem tributa inteiras homenagens ao Supremo Author da sua existencia, se elle, limitando o seu culto ao culto de pensamento, conservasse o corpo estranho ao culto d'acção?

Como se dirá que está penetrado de sentimentos religiosos o homem que esconde a sua religiosidade no intimo de sua alma, e que não manifesta por sygnaes visiveis do seu corpo, que rende á divindade a homenagem de todo o seu ser?

Que laço prenderá a creatura com o creador, se nas adorações que a este são devidas, não tomar a parte que lhe compete todo o ser d'aquella?

Não nos illudamos.

É certo que nos pensamentos do espirito e nos affectos do coração está o preço e o merito das acções humanas, e que, se á divindade desagrade que o homem se subtraha ao culto do corpo, muito mais deve desagradar que esse culto seja simplesmente de sumptuosos apparatus, e vazio de intenções e sentimentos religiosos; mas tambem não é menos certo, que se esses sentimentos e affectos não fossem nutridos e fortificados pelas praticas exteriores, em breve se enfraqueceriam, e se tornariam n'uma religião superficial, se não fossem completamente extinctos.

O homem não é tão desembaraçado dos sentidos e da imaginação que facilmente possa prescindir das cerimoniaes symbolicas dos ritos sagrados, sem quebra nos seus intimos sentimentos, os quaes ellas aviventam e solidificam.

E se a razão nos dicta intuitivamente estas verdades, a experiencia vem confirmal-as, e dizer-nos, que em toda a parte os templos, as cerimoniaes religiosas e as solemnidades fizeram e fazem ainda uma par-

te principalissima do culto, e que estes exercícios externos da religião foram sempre, e são ainda, o meio mais poderoso de unir os homens no santo pensamento de elevar as suas almas para Deus, desprendendo-as do vicio, e chamando-as á virtude.

Mais ou menos variada segundo a diversidade das crenças e o grau de civilização, em todos os povos se encontra uma forma publica e solemne de exprimir o culto e as adorações á divindade.

Assim o attestam templos erigidos em sua honra, hymnos para cantar os seus louvores, orações para implorar os seus beneficios, e solemnidades para bendizer e festejar a sua bondade, que se encontram na historia de todas as nações do antigo e novo mundo.

Embora o deismo e o philosophismo do nosso tempo procurem encontrar n'estas externas manifestações do sentimento religioso uma *prova farta* do obscurantismo do povo, e lhes chamem actos de superstição e de fanatismo; a razão e a historia nos ensinam, que á Divindade se deve um culto de pensamento e de acção, e que todo o povo que desviar a sua religiosidade das praticas externas que lhe aviventam as internas devoções, cae necessariamente no atheismo pratico, que é o mais destruidor flagello que póde advir á moral e á sociedade.

Religião sem culto externo é uma pura abstracção metaphisica, e taxar este culto de superstição inutil e ridicula é nada menos do que desconhecer a natureza do homem, e desconcertar a harmonia social e religiosa do globo.

Continue o povo no exercicio de suas praticas de piedade e cuide de prestar a Deus, em solemniissimas festividades, o culto de suas inteiras homenagens, se não quizer despenhar-se no abysmo insondavel da ultima depravação moral, que é para onde o chamam os gritos dissonantes da impiedade do nosso seculo. P.

Devemos duas palavras ao nosso estimado amigo, que nos tem honrado com os seus espirituosos communicados, e porisso aqui publicamente vamos ajustar as nossas contas.

Tem razão o nosso amigo. Deviamos já no precedente numero dizer-lhe se estavamos dispostos a aceitar a capitulação que nos propõe; mas á absoluta escassez de espaço, que, á ultima hora, o proprio communicado de s. s.^o, veio ainda agravar mais, obstou a que allí lhe declarassemos o que s. s.^o desejava.

E depois, contamos tanto com a sua amizade, que quizemos antes reservar para agora essa declaração, do que por uma decla-

ração particular, privar talvez os nossos leitores da leitura agradável d'um seu theceiro communicado.

Sirva-nos isto de desculpa.

E em quanto ao mais, não seremos nós os que deixaremos de reconhecer mais ou menos justificada a proposta de s. s.^o em vista das ponderosas razões em que ella se funda; mas sentimos ter de certificar-o, de que serão inuteis todos os esforços que se empregarem para nos demover do nosso proposito, que, como o nosso amigo muito bem sabe, não é combater as pessoas, aliás para nós muito respeitaveis, dos srs. vereadores, mas verberar asua má administração municipal, e dar ao povovoz de precaté contra os inconvenientes da sua reeleição.

Patenteie-se-nos claramente, que tem sido util e proveitosa ao municipio a gerencia da actual camara; prestem-se com a maior exactidão as contas da sua administração para se destruirem as suspeitas de que tem sido dado máo destino ás rendas municipais; mostre-se-nos que o dinheiro que se tem gasto não podia ser melhor aproveitado e mais bem applicado, e cessará da nossa parte toda a insistencia n'este combate.

Em quanto assim o não fizerem, havemos de presistir sempre em asseverar que a reeleição da actual camara será a maior calamidade que pode advir ao municipio.

Que nos importa que estejamos isolados, e que se percam, sem effeito, as nossas vozes?

É esta a maior prova que damos, que não escrevemos assoldados, e que nesta redacção se respira desallegadamente o ar livre da maxima independencia.

Creia-nos o nosso amigo, e creiam-nos todos: não desistimos do nosso proposito, embora tenhamos, como teimos, a certeza de que a camara hade ser reeleita, em quanto a não virmos dar cabal desmentido ás accusações que lhe são feitas, o que, aqui para nós, duvidamos muito que ella possa fazer.

As columnas d'esta folha estão á disposição do nosso amigo para n'ellas fazer as considerações que lhe aprouver no tocante ao assumpto, na certeza de que, sejam ellas quaes forem, nos não fará ceder um palmo de terreno.

Sós, ou auxiliados n'esta importante empreza, entendemos que fazendo isto, cumprimos um imperioso dever de consciencia.

REVISTA RELIGIOSA

Já nos nossos numeros antecedentes temos dito como o furor irreligioso tem diligenciado, em vista do magestoso espectáculo

das manifestações catholicas, preverter o espirito dos povos com a propagação de livros amaldiçoados pela Igreja.

Temos tido a consolação de ver muitos serem reduzidos a cinzas por gentes que se prezam de ser catholicas, e que por esta forma buscam inutilisar o veneno da impiedade.

Infelizmente porém a propaganda impia não desanima, e mesmo muitas vezes não se peja de vir na imprensa defender as suas doutrinas; ali a maior parte das vezes a ignorancia marcha a par da audacia.

Polhem os livros sanctos para os desacatarem!

Que espectáculo!!

Todos os erros, todas as heresias, todos os sophismas e todas as hypocrisias se reúnem contra o catholicismo, e vemos lado a lado, nesta tentativa sacrilega, os discipulos dos Passaglias e os sectarios dos Strauss, uns e outros atacando a Religião de Christo.

De todos estes livros, já fallámos no mais pestilento d'elles, no livro de Renan, em que se busca negar a divindade de Christo e a origem divina da Religião catholica.

A impiedade se tinha lisongeadado d'elle tirar resultados, porém louvado Deus têm elles sido contrarios á sua esperanza.

Os escriptores catholicos, tanto ecclesiasticos como seculares de todas as categorias, tem desmascarado a impiedade arancando-lhe a mascara scientifica e patenteando-lhe o absurdo.

Não foi só ao episcopado e aos escriptores em França, que coube esta gloria; o episcopado e os escriptores catholicos dos outros paizes lhe não ficaram atraz e o Santo Padre ao mesmo tempo condemnava o livro monstruoso que dava uma triste celebridade a Renan, transmittindo este nome á execração dos seculos.

Fomos nós uns dos primeiros que em Portugal levantámos a nossa voz contra o livro maldicto, e que lhe temos anteposto o antidoto, publicando os artigos de Mr. de Laurentie, e hoje temos a satisfação de vermos a nossa voz acompanhada pelas pastoraes dos nossos Bispos, que com palavras de paz e de amor aconselham e ordenam aos seus diocesanos de repellirem o veneno infernal com que a impiedade com suas leituras lhes pretende perder as almas.

Porém estes avizos e preceitos do episcopado têm entre nós exacerbado a bilis dos atribuladores da Igreja, que têm levado o desvario a ponto de pertenderem subjeitar a voz do episcopado ao poder dos proconsules, não lembrados da resposta que o principe dos Apostolos deu a Annaz, a Caiphaz e a outros da estirpe sacerdotal, que o intimidaram e lhe ordenaram de não fallar nem ensinar o nome de Jesus, a qual foi: — Se é justo desobedecer ao Senhor para obedecer a vós antes do que a Deus, julgai-o vós mesmos — e desprezando as ameaças continuou a prégar.

A liberdade da Igreja foi o primeiro direito atacado pelos poderes da terra, e o primeiro direito que S. Pedro defendeu.

Os Herodes e os Neros quizeram immo-derar a voz do Apostolo, mas Pedro respondeu-lhe como tinha já respondido aos doutores e escribas em Jerusalem — «Não posso deixar de fallar das coisas que temos visto e ouvido.» —

Este *non possumus* de S. Pedro é o *non possumus* de Pio IX e será também, temos firme fé, o *non possumus* do episcopado portuguez, se acaso lhe quizerem cortar a liberdade da palavra apostolica.

Lembrados estarão os nossos leitores da felicitação que por occasião do anniversario natalicio de Pio IX, lhe remettem o clero de Braga; a esta prova de affecto e veneração o Santo Padre acaba de responder

com a seguinte epistola que será um titulo de glória para o clero bracarense.

PIO P. P. IX.

Carissimos filhos, saude e benção apostolica.

Grande prazer sentimos recebendo a felicitação, datada do dia do Nosso anniversario natalicio, assignada por vós e por muitos outros varões, ecclesiasticos ou religiosos, d'essa cidade de Braga, a qual foi para nós um allivio e consolação no meio dos nossos desgostos; porque, carissimos filhos, naquella manifestação se evidencia a vossa eximia fidelidade, obediencia e veneração, e dos ecclesiasticos e mais varões religiosos, que a assignaram, para com Nosco, e para com esta cadeira de Pedro, centro da unidade catholica. De toda ella se manifesta a vossa pena e a de todos os signatarios pelas nossas grandes angustias, promovidas pelos inimigos de Deus e dos homens, os quaes com nefarias maquinações e sacrilegos esforços fazem uma cruel guerra á Igreja catholica, a esta Sé apostolica e a nós, e, calcando todo o direito divino e humano, pertendem completamente destruir o nosso principado civil e o da mesma Igreja. Nada é mais proprio de vós, e dos mesmos ecclesiasticos e religiosos varões do que condemnar e detestar tudo o que por Nós e por esta Sé apostolica é condemnado e proscripto.

Foram-nos extremamente gratos os vossos sentimentos e dos mais signatarios, os quaes verdadeiramente proprios de ecclesiasticos merecem pleno louvor. E animamos a esperanza de que, principalmente nesta quadra de perturbação e iniquidade, não haverá esforço que não seja posto em acção por vós e pelos mais signatarios, sob a direcção do respectivo Prelado, para defeza da Nossa Sanctissima Religião e da sua doutrina, para a salvação das almas, para descobrir as depravadas ciladas dos adversarios e corrigir os erros. Desejamos, porém, que por vós e pelos mesmos sacerdotes sejam sem interrupção offerecidas preces ao Deus das Misericordias para que livre a sua Santa Igreja de tantas calamidades, e d'esde o oriente até ao occidente a orne e augmente por meio de novos e brilhantes triumphos, abata todos os inimigos da Igreja e da Sé apostolica, e da estrada da impiedade os conduza para o caminho da justiça e da salvação. Finalmente, carissimos Filhos, como penhor do Nosso amor paterno vos damos, e a todos os ecclesiasticos e religiosos varões que assignaram a felicitação, a Nossa benção apostolica.

Dada em Roma, em S. Pedro, a 4 de Julho de 1863 — Decimo septimo anno do Nosso Pontificado.

PIO P. P. IX.

Estas palavras bondosas do pae commum dos fieis descem sobre esta terra como um orvalho consolador, que reverdecendo a esperanza nas misericordias do Senhor, nos dá a coragem para atravessarmos tranquilos estes desertos da vida affrontando as iras da cegueira do seculo.

Não são porém só as palavras de consolação as que unicamente abundam no magnanimo coração de Pio IX, as palavras se juntam ás obras da sua inexgotavel caridade, que no meio da sua pobreza o torna rico para o bem e animoso para affrontar a colera dos grandes da terra, pois tem o seu apoio no céu.

Ainda outro dia encontravamos nos jornaes a noticia de ter celebrado orações publicas, para implorar a Deus que se di-

gnasse compadecer-se dos catholicos da Polonia tão flagellados e opprimidos, e isto desprezando a colera dos poderosos da terra, que não pôde cohibir que as orações subissem como perfumes suaves ante o throno resplandecente do Altissimo, do Deus de justiça e de amor, quando hoje para enchugar as lagrimas dos que a desgraça deixou em Manilha sem fortuna e sem abrigo o vemos enviar vinte mil francos para a subscrição, aberta em Madrid, para aquelles infelizes.

E não é um monarcha poderoso que assim despreza a colera dos reis da terra, não é um monarcha que no meio da abundancia lança a esmola com o alarde da vaidade, é um sacerdote, é um pae cheio de amor que retribue o amor orando pelo que geme, e repartindo o seu pão com o que soffre.

Escutemos-lhe as suas palavras; ainda ha pouco lhe quizeram obrigar a considerar que a sua caridade não estava em proporção com os seus minguados recursos; Pio IX ouviu as considerações e a ellas respondeu com estas palavras que retratam a sua bella alma:

«Os catholicos me sustentam, é justo que «os socorra» nas suas afflições.»

Porém a sua caridade não pára só nos catholicos, estende-se a todos os que soffrem.

E todavia é esta virtude magestosa que debaide se procura entre os soberanos da terra, e que só se encontra no successor de S. Pedro, no Vigario de Christo, que o liberalismo irreligioso se não peja de insultar, não lhe poupando as mais negras calumnias e as mais grosseiras affrontas!

Parece incrível aonde chega a ingratidão dos homens!

As noticias que temos recebido de Roma nos referem a tocante cerimonia da trasladação do *Acherotypo* de S.^{ta} Maria Maior, para S. João de Latrao; teve ella lugar no dia 13, no meio de um grande concurso de povo, que assim manifestava a fortaleza que em seus corações tem a fé em Christo.

No dia 15 o catholicismo se manifestou ainda por um espectáculo que deve ter enchido de despeito os anti-catholicos, e foi elle a demonstração catholica dada pela colonia polaca residente em Roma.

Neste dia aquella pobre gente, que lamenta a desgraça da sua patria e as perseguições de que está sendo victima na Polonia a Religião catholica, dirigiu-se em procissão solemne, levando á sua frente a Cruz de Christo, á igreja de S. João de Latrao, entoando os canticos nacionaes; era um espectáculo magestoso ver aquelles afflictos irem devotamente implorar consolação e remedio ao Senhor das Misericordias.

Eles também abandonados da terra põem todas as suas esperanças no céu, e oram com confiança e esperam com paciencia, unindo as suas orações ás que o Santo Padre envia a todos os momentos, possuido pelo sancto lume da fé e da caridade, sobre todo o orbe catholico.

Na *Correspondencia de Roma* encontramos um documento que é uma nova prova da solicitude de Pio IX, para que todos os catholicos se aproveitem das graças especiaes da Igreja; é elle um aviso mandado fixar pelo vicariato no dia 16, que passamos a transcrever.

Eis o documento:

«Constantino Patrizzi, pela misericordia divina etc.

«O vivo e espontaneo ardor com que vos tendes apressado estes ultimos dias, em offerecer á Imagem do Salvador, ex-

posta á vossa veneração os testemunhos publicos de vossa piedade extremamente edificante e exemplar, mesmo para as populações visinhas da capital, tem sido, oh! romanos um objecto de doce consolação para o coração paternal do Sancto Padre, tão amargurado nestes peniveis e difficis dias que atravessamos.»

«Desejando elle que nenhum de vós fique privado das graças espirituaes, da indulgencia plenaria concedida aos fieis que visitarem a dita Imagem, Sua Santidade tem prorogado até domingo 20 do corrente a exposição do *Sanctissimo Salvatore* na archi-basilica de S. João de Latrao; assim aquelles que por qualquer obstaculo não tem podido até agora cumprir este pieboso dever terão a commodidade de o fazer e de ganhar a indulgencia plenaria, orando conforme a intenção do Soberano Pontifice.

«Dado na nossa residencia do Vicariato, aos 16 de setembro de 1863.

CONSTANTINO
Cardeal Vigario
MARTINI
Conego secretario

Muitos factos mais tinhamos a narrar, e bem importantes são elles, porém, como temos dito muitas vezes, o espaço de que dispomos nos não permite fazermos um trabalho completo, dando delles inteira resenha; temos esperanças de que um dia, com o socorro dos catholicos, possamos tornar este jornal hebdomadario e então poderemos satisfazer melhor a justa curiosidade dos nossos leitores; tudo esperamos da Providencia divina, que com a sua protecção tem sustentado esta empresa, e não de nós a quem applicamos a palavra do Apostolo: — *Non in sapientia verbi, ut non evacuatur crux Christi.*

F. P.

(Fé Catholica.)

CORRESPONDENCIAS.

COMMUNICADO.

Meus charos Redactores:

Não sei se a falta que houve da vossa parte para comigo é sygnal de desapprovação ao meu escripto, se é prova de confiança na minha pessoa.

No segundo caso, ainda em cima de ter sido desattendido, tenho que agradecer-vos; mas no primeiro o negocio é mais serio, e não posso deixar de irrogar-vos alguma censura.

Que não reservasseis na vossa folha o espaço de duas linhas para accusardes a recepção do meu communicado, e preveni-me se era, ou não, do vosso agrado que eu formulasse as bases da capitulação que vos tenho aconselhado, e em que tanto me empenho, já não era pequena falta para poder desculpar-se; mas que nem ao menos tivesséis um quarto de papel para me avisardes em carta fechada, isto só pode explicar-se por uma das duas razões que acima deixo enumeradas — ou desapprovação do escripto, ou confiança na pessoa.

Se eu tivesse remorsos de consciencia e não estivesse bem seguro da verdade dos factos que vos tenho relatado, e nos quasi fundo o meu juizo para vos dizer que bradaes do deserto, trabalhades em vão e vos cançais debalde, porque não conseguis obter á reeleição da camara actual, eu pediria agora explicações *categoricas* sobre o vosso procedimento para comigo porque está escripto em letra redonda

tambem o deve estar em papel sellado) — *Em pontos de honra não ha meio termo.* Mas eu por enquanto não perdi o tino, vivo perfeitamente tranquillo, e n'esta paz de espirito e tranquillidade de consciencia, apreciando devidamente o vosso facto, faço justiça ás vossas melhores intenções. Se o meu escripto merecesse a vossa reprovação, de certo que lhe não daveis publicidade, não digo bem? Logo está excluída a primeira causa, e resta a segunda. Confias-tes em mim, e por isso nada dissestes até vêr se as condições que vos offerecia eram acceptaveis, não é assim? Esperaveis a remessa do meu terceiro communicado, não é verdade? Pois eis-o ahi vai, seja lá qual for a razão do vosso silencio. Se me é honrosa, agradeço-vos, se me é desairosa, perdoo-vos.

Disse-vos no meu primeiro communicado, que a camara actual, apesar de ser accusada *injustamente* de não ter dado bom destino ás rendas do municipio, (o que se vê, não se ignora) vae ser reeleita *sine remissione peccatorum*, porque ella assim o decido em certo *curral* em que fôra metida, e porque o *poder* que a fez *encurralar* e resolver a continuar segundo bienio, necessariamente deve dispor de todos os recursos para a fazer reeleger. Ora, que as reeleições das camaras municipaes podem ser em certos casos de grande utilidade, ninguem o desconhece: e no caso presente é de summa necessidade a reeleição da camara actual, pela razão que vou dar-vos. O bem geral, digo eu, e tendes vós dito centenas de vezes, deve preferir-se ao bem particular; os nossos interesses e commodidades proprias devem sacrificar-se ás commodidades e interesses communs; ora, visando o fim da reeleição da camara (segundo me affiança certo figurão) a fazer vingar a eleição de dois deputados governamentais, que devem no parlamento tractar do bem do paiz, claro é, justo e razoavel, que devemos sacrificar a boa administração do municipio á prosperidade nacional.

No segundo communicado, já fui mais explicito.

Relatei-vos as forças immensas de que podem dispor a camara, seus protectores e clientes, forças tão *unidas*, tão *organizadas* e tão experimentadas n'estas tampanhas eleitoraes, que seriam baldados quaesquer esforços que vós fizessis com a vossa pequena guerrilha para vencel-as.

Já isto mesmo dizia, ha pouco, n'uma carta que escreveu para Barcellos, certo *maudarin* fanfarrão d'esta terra.

Considerando pois que tudo isto é assim, e considerando mais que se continuardes, na vossa missão de jornalistas, a apreciar com imparcialidade e em face da lei os actos publicos da ill.^{ma} camara, podeis levar um desmentido nas faces, quando o *povo*, que muito tem *louvado* as obras publicas, *livremente* a reeleger, por isso vos propuz um meio honesto e decoroso de sahirdes d'essa posição sem descontentar os vossos amigos, agradando ao *povo* e á ill.^{ma} camara.

Este meio é uma capitulação com as condições que vou apresentar-vos.

— É permitido á «Religião e Patria» periodico religioso, politico e noticioso:

1.º Continuar no seu programma, defendendo os direitos da religião que professa, advogar os interesses da patria commum e do municipio, dando todas as noticias que julgar convenientes para instrução e recreio de seus leitores, comtanto que para o futuro se explique a todos os respeitos *cathegoricamente e sem tergiversação*.

2.º Continuar no exercicio de sua nobre missão, auxiliando a auctoridade com seus avisos, indicações e conselhos, prevenindo-a de tudo que souber, que seja opposto á moral, á ordem, á justiça, e á tranquillidade

publica, louvando o que deve louvar, censurando o que o merecer, comtanto que se haja do seguinte modo — «Pedimos, rogamos, lembramos, aconselhamos, ao senhor. ou á ill.^{ma}. ou a quem quer que for, que visto não ter a camara opposição, cumpra o seu dever, n'isto ou n'aquillo, sem attenção nem contemplações a pessoas.»

3.º Emitir a sua opinião á cerca das obras publicas, e na conformidade do periodo antecedente, com tanto que, se fallar á cerca da praça de mercado, se abstenha de dizer que ella tem capacidade de mais, sendo-lhe toda via permitido achar o defeito na pouca gente que ha para a occupar, e se fallar na rua de D. João 1.º, não diga que pode ser composta d'outro modo, a ser *composta* como é.

4.º Citar as leis, para por ellas provar as suas asserções; mas se souber, que entre a camara e alguma irmandade se fez alguma nova operação relativamente ao capital e juros do emprestimo, nem porisso presuma, que o producto do imposto nos carros, no peixe, sumagre, e casca teve differente applicação da que lhe manda dar a lei que auctorison o emprestimo.

5.º Pugar pela conservação dos monumentos historicos e padrões da nossa gloria; mas se vir, que o camartello da destruição vai descarregar os seus golpes sobre os paços dos duques de Guimaraes, convidará todos os progressistas de Portugal a virem a esta terra vêr como o *progresso caminha*, sem contemplações ao nosso glorioso passado.

6.º Observar, que devem ser preferidas as obras de primeira necessidade ás de segunda; mas nunca dirá, *porque não diz bem*, que é preferivel a canalização das aguas á rua de D. João, e um cemiterio publico á praça *tanque*.

Parece-me, meus caros, que não podem haver condições mais razoaveis, tão honrosas para vós, e que melhor possaes aceitar sem quebra dos vossos principios.

Explicar-vos com clareza, preferir o bem geral ao particular, e n'este sentido sacrificar o municipio a nação, chamar pelo nome ás cousas, não fazer juizos temerarios, convencer o povo que é preferivel uma rua torta e pessima a beber agua limpa, e as bellezas d'uma praça á necessidade d'um cemiterio, é tudo o que se vos pede para que de todo desapareça a opposição. Os amigos e apaixonados da actual camara, entre os quaes não sei se vós me contareis, esperam que não hesiteis um só mumento em vos decidirdes assim.

Porem eu, quer vós assim decidades, ou não, sempre me assignarei

Vosso amigo,

...

AMARANTE 6 DE OUTUBRO.

(CORRESPONDENCIA PARTICULAR).

Qual é o fim da instituição periodica? E' por sem duvida, espalhar a illustração, e suscitar ideas aos povos ou ao governo, que concorram para o adiantamento da nação, e que tenham por ventura jazido no esquecimento.

Firmado n'este ponto, começo a bosquejar o que te prometti.

A industria é o ramo, que hoje está offerecendo mais vantagens ao paiz. O nosso Portugal tem soffrido sempre um atrazo consideravel, pela pouca animação, que tem havido nos nossos capitalistas; dos quaes e do nosso governo é, que principalmente depende esta grave falta d'attenção á industria.

Hoje é que vai começando a vogar esta ideia.

Que lucros não tiram os portuguezes, em vendo despresadas as fazendas estrangeiras, que lhes são vendidas por um outro preço, que exorbita em comparação ao das nacionaes?

Ha bem pouco tempo, era esta villa d'Amarante uma terra pobre; hoje está sendo das villas a mais rica.

A' distancia de 27 hectometros é ella confinada por uma fabrica de lanificios, aonde trabalham cerca de duzentas pessoas de ambos os sexos e diversas idades. Ali trabalha o velho, trabalha o moço. As creanças, que, ha pouco, mendigavam em roda de nós o sustento quotidiano, tambem hoje ahi se encontram. E não serão estas casas, em certo modo, casas de *beneficencia*? Que seria d'esses rapazes, cujos paes por qualquer motivo lhes não dessem um modo de vida?

De mendigos seria, fundado n'uma probabilidade intrinseca, a sua precisa occupação. D'ahi passariam talvez a pedintes perigosos, e allim lá os esperava a sua completa desgraça. E quem os tirou d'essa carreira viciosa, que elles iam seguir? Por sem duvida esse estabelecimento fabril, que ha tempo lhes abriu os braços para os acolher e dar-lhes um modo de viver com honra. D'esses, a que a sociedade chama *cadidos*, já por cá se não encontram. E porque não hade o governo convencionar com os capitalistas, ajudando-os a crearem estabelecimentos d'esta ordem ou equivalentes?

Os homens de fundós pecuniarios em nenhuma outra coisa tirariam lucros eguaes, aos que se tiram das grandes fabricas.

Com similhante empreza realisada não só augmentarão os seus cabedaes, senão tambem se engrandecem e famigeram por estabelecer fabricas, de que o nosso paiz carece.

Calculemos o pessoal todo, que contem o nosso reino; de-se somente a cada pessoa quatro metros de fazenda annualmente, e teremos em resultado, que trezentas fabricas de lanificios, montadas completamente, não são bastantes para vestir todos os portuguezes.

Que centenas de braços inutilizados se não encontram na provincia do Minho, sendo todavia certo, que Portugal tem bastante pendor para as artes? Quantos homens e mulheres por lá vivem d'agiotagem, por não terem aonde se empreguem? E porque se dá este caso? Porque é, que as nossas fazendas se não podem ainda collocar a par das estrangeiras? E' de certo o pouco zelo na industria. E', que as nossas fabricas em numero limitadissimo mal podem saptis-fazer as encomendas, que diariamente se lhes estão fazendo, o que faz ellas não possam aperfeiçoar o seu trabalho, para fornecerem os seus depositos com gostos variados e lindos, que façam desmerecer as estrangeiras; nas quaes pela igualdade encontrada na comparação d'umas com outras, sejam por amor patrio preferidas as nacionaes.

A industria, cujas vantagens geralmente conhecidas então dando gloria e pão a muita gente, tem sido até agora um ramo completamente morto em Portugal. Parece, que d'algunha maneira custa a fazer sahir a campo esses homens de capitaes, quando elles deviam de ser os primeiros, sem que lhes despertassem essa ideia, a, por meio d'agentes associados, promoverem fabricas, capazes de rivalisarem com o estrangeiro.

Alem d'isto o descuido, que no Minho se encontra, no arranjo de machinas para coadjuvarem e tornarem mais perfeito o trabalho, é consideravel. Quantas mil arrobas de lá por anno se não consomem nas chapelarias só com o emprego dos

braços? E quam augmentado seria o numero d'esses objectos preparados á mão, se no serviço da preparação da lá se empregasse o machinismo proprio, que não só adiantaria o trabalho em grande escala, e pouparia despezas desnecessarias, como principalmente tornaria mais perfectas as suas obras?

Ajuda-me, meu amigo, n'esta tarefa de tam grande monta para esta pobre nação. Levanta a tua voz, que talvez se faça sentir mais um pouco, e eté, que com isto fazes um grande serviço a todos.

Melhor seria, que se dessem treguas por algum tempo á politica, que, a meu ver, nada mais faz, que enferrujar cabeças aos seus apaixonados.

Por tanto, meu caro amigo, recomendo-te a industria, que mais util será ao rei e á nação. Vê essa associação promotora da industria fabril, da qual se assignou protector o Sr. D. Luiz 1.º Vê os fins d'ella. Pensa, e depois fallaremos.

Já basta de massada. Adeus. Teu amigo do coração.

J. J. d'Azevedo e Moura.

A ultima hora recebemos o seguinte: ANNUNCIO.

No dia 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no tribunal das audiencias d'esta cidade, tem de arrematar-se voluntariamente a quinta do Curvalho, em Gondomar, por se não ter effectuado no dia 10. (27)

NOTICIARIO.

EXPOSIÇÃO AGRICOLA EM BRAGA. — Esta exposição que devia ser aberta no proximo dia 16 do corrente foi transferida para quando o tempo o permittir.

PARTIDA. — Partio segunda feira para o Porto, para continuar a sua brilhante carreira na Escola Medico-Cirurgica d'aquella cidade, o nosso caro patricio e estimado amigo, o ill.^{mo} sr. Avelino Germano da Costa Freitas.

ANDAM A VER SE PESCAM. — Pelo ministerio do reino foi remettida aos governadores civis dos differentes districtos uma circular, pedindo esclarecimentos estatisticos a respeito do estado das corporações e estabelecimentos pios, de qualquer denominação.

A *rede* não é mal lançada, e pode sêr que faça a *boa pesca* e que, depois de *pescados* os bens das confrarias, e irmandades, se pegam tambem *esclarecimentos* estatisticos a respeito da propriedade particular.

Trizez voltemos ao assumpto com mais espaço.

DISTRITO DE BRAGA. — Temos recebido com muita irregularidade esta interessante folha.

Não sabemos d'onde provem esta falta, mas pedimos providencias a quem quer que ella vá ter.

NOTICIAS DIVERSAS. — Abriram-se no dia 5 do corrente as aulas no lyceo nacional de Braga, e no dia 6 no Seminario Archidocesano da mesma cidade.

— E' esperada em Lisboa uma esquadra Italiana, composta dos seguintes vasos: fragatas: «Maria Adelaide» «Duque da Genova» «Carlos Alberto» «Regina» «Garibaldi» «Italia» «Victorio Emmanuel»

«Turkerz» vapor «Gasigliano» e corveta «Etna.» E' commandada pelo almirante Pompeio de Piovana.

—Continua a interessante questão entre o «Portuguez» e a «Revolução de Setembro» a respeito das pastoraes dos bispos. Aquelle jornal não quer que os bispos possam publicar as suas pastoraes sem as submeterem á censura previa do governo! Que liberaes, e que progressistas!

—Por motivo do nascimento do principe real foram condecorados por El-Rei os seguintes cavalheiros.

José Feliciano da Silva Costa, ajudante d'El-Rei, com a gran cruz da ordem de Aviz.

D. Francisco Lumiães, ajudante do mesmo Augusto Senhor, com a commenda d'aquella ordem.

Marquez de Sabugosa, governador civil de Lisboa, com a gran cruz da ordem da Conceição,

Marquez de Souza com a commenda de Christo.

—Constava em Lisboa que S. M. El-Rei o sr. D. Luiz obsequiara o sr. doutor Magalhães Coutinho, um dos medicos que assistio ao successo de S. M. a Rainha, com uma riquissima caixa de prata para rapé, cravejada de brilhantes, e tendo na tampa os retratos de Suas Magestades El-Rei e Rainha.

AGRADECIMENTOS.

ACCACIO SEBASTIÃO DA SILVA, vivamente penhorado pelas benévolas demonstrações d'interesse e cuidado que mereceu dos seus amigos por occasião de sua doença, de que se acha quasi restabelecido, apressa-se a significar-lhes em publico seu profundo reconhecimento e gratidão, por o não poder fazer pessoalmente. Dignem-se, assim, os seus amigos desculpá-lo, e acceitem a expressão sincera d'um agradecimento, de que sempre conservará viva lembrança. (24)

O conselheiro Felix Pereira de Magalhães,

não lhe sendo possível pela breve demora que teve nesta cidade, agradecer pessoalmente a todos os ill. mos e ex. mos srs. que tiveram a bondade de o procurar, o faz por este modo, do que pede desculpa.

23

AGRADECIMENTO E DESPEDIDA.

ANTONIO SOARES MASCARENHAS agradece cordealmente, por este meio, a quantas pessoas o honraram com sua amizade, e consideração, durante todo o tempo em que nesta cidade desempenhou o cargo de escrivão de direito, e pensa haver apresentado a todas ellas seus cumprimentos de despedida; mas como pôde acontecer que se tenha a este respeito dado alguma falta, d'esta pede benevola desculpa. (25)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

A VOZ DA LIBERDADE

DIARIO POLITICO, COMMERCIAL, LITTERARIO, NOTICIOSO E INDUSTRIAL

Redactor principal: João A. Pinto de Aragão — Administrador: Almeida Junior

Não tentaremos esboçar o programma politico d'um novo jornal, porque a voz da LIBERDADE já conta sete mezes de existencia, por isso a sua divisa politica é já bem conhecida, mas desejando corresponder ao lisongeiro acolhimento dos nossos assignantes e do publico em geral, resolvemos publicá-lo diariamente desde 15 do corrente mez de outubro,

A VOZ DA LIBERDADE publicará diariamente artigos politicos ou sobre commercio, industria, etc. etc. — correspondencia politica e noticiosa da capital e algumas outras das principaes terras do reino — Revista dos jornaes do Porto, Lisboa e provincias — Synopse da parte official, publicando na integra as peças officiaes de immediato interesse — Noticias de todos os melhoramentos industriaes e artisticos — Tribunaes do Porto e Lisboa — Noticias das ilhas, India portugueza e Africa — Correspondencia e noticias do Brazil — Extracto e resumo das sessões do parlamento — Noticiario — Exterior — Telegrammas — Noticias maritimas — Mercados nacionaes — Resumos do activo e passivo dos nossos bancos e companhias — Noticias commerciaes etc. etc. — Na secção litteraria publicará traducção de romances escolhidos — Revistas do Porto e Lisboa — Revistas dos theatros — Biographias — Descrições historicas, etc. etc.

Desejando que os nossos assignantes estejam em dia com as noticias politicas do paiz e-do estrangeiro, publicaremos nos domingos e dias santificados um appenso, pue constará do seguinte: — Correspondencia politica da capital — Revista dos jornaes — Synopse official — Noticiario — Chronica estrangeira e telegrammas.

Tal é o programma com que nos resolvemos inaugurar a publicação diaria do nosso jornal, o qual só poderá ser alterado na introdução de reconhecidos melhoramentos.

Assignatura por trimestre 1\$500 — provincia 1\$900 réis.

A correspondencia, franca de porte, deve ser dirigida ao administrador da voz da LIBERDADE, Porto, rua de Santo Ildefonso, n.º 26.

ARCHIVO JURIDICO

PERIODICO MENSAL DE NOTICIAS JUDICIARIAS E LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESSE, TANTO ANTIGA COMO MODERNA.

Publicou-se o n.º 26 da 2.ª serie que contem:

Decreto de 29 de setembro de 1852, seguido do regulamento para o processo de perfilhamentos ou legitimos — Portaria de 1856, explicando alguns paragraphos do referido regulamento — Portaria de 12 de Julho de 1849, providenciando sobre deprecadas — Decreto de 15 de setembro de 1852, julgando competentes os escrivães e officiaes das administrações de concelho para fazerem as citações não só nos processos de perfilhações, mas tambem em quaesquer processos administrativos — Decreto de 16 de março de 1832, abolindo os dizimos em alguns generos nas ilhas dos Açores — Decreto de 11 de Setembro de 1851 abolindo-os totalmente a contar do 1.º de janeiro de 1863, e applicando ás mesmas ilhas a legislação que no continente rege as contribuições industrial-predial e pessoal — Decreto de 9 de abril de 1863, sancionando a competencia dos juizes das varas civeis e crimes nas comarcas de Lisboa e Porto, conforme aos juizes das mais comarcas do reino o direito de correição nos diversos cartorios de escrivães e tabelliães — Carta de lei de 13 de Julho de 1863, que concede o prazo de seis mezes para a remissão de foros, etc.

Continua a assignar-se no Porto, rua do Bomjardim n.º 69 defronte da Viella da Netta — aonde tambem se vendem collecções completas e n.º avulsos.

PREÇO

Para o Porto, anno ou 12 n.º... 1\$000
« as Provincias (franco de porte)..... 1\$140
Avulso para o Porto, cada n.º... \$120
Para as provincias (franco)..... \$150
Os dous volumes da 1.ª serie (para o Porto)..... 2\$000
Para as provincias (franco)..... 2\$300
Reimprimiram-se os numeros 2 e 3 da 2.ª serie do «ARCHIVO». — Aquelles snrs. a quem elles faltarem, podem requisital-os
O importe das assignaturas ou n.º avulsos pôde ser enviado em estampilhas ou vales do correio, a José Lourenço de Sousa.

O PROGRESSO PELO CHRISTIANISMO.

CONFERENCIAS RECITADAS NO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIZ.

PELO REVERENDO PADRE FELIX

ESTÃO PUBLICADAS AS DOS ANNOS DE 1861 E 1862.

Vende-se em Lisboa no escriptorio do jornalista *Nação*, e na loja do sr. Lavado; no Porto em casa do sr. Ignacio Correa, rua do Bellomonte, n.º 2 e 4; e em Coimbra em casa do sr. Mesquita, rua das Covas. Os snrs. das provincias que desejarem quaesquer d'estas obras, podem dirigir-se por valles do correio, ao sr. A. J. de Vadre Manique, rua da Encadernação, n.º 20, em Lisboa.

PREÇO

Para os snrs. assignantes da *Fé Catholica*, cada exemplar.....360
Avulso.....500

ANNUNCIOS

NO dia 17 de outubro por 10 horas da manhã no tribunal das audiencias d'este juizo, no extinto convento de S. Domingos d'esta cidade, se tem de arrematar varios moveis, e a raiz, fructos e rendimentos d'uma propriedade de casas confrontantes com a estrada real, feitas de pedra e telladas, com seus arredores, sita no lugar da Quintella, freguezia de S. Thiago de Ronfe, avaliada livre de foro na quantia de réis 119\$600, que tudo foi do inventariado José Cardoso d'Abreu, e se arrematam para pagamento dos credores; e isto no inventario a que se anda procedendo por morte do mesmo, do qual é escrivão Loureiro. (21)

PELO Juizo de Direito d'esta commarca e cartorio do escrivão Freitas Costa, tem de se arremetar no dia 31 do corrente mez pelas dez horas da manhã no Tribunal Judicial das audiencias da mesma, uma morada de cazas com o n.º 25 sitas na rua das Mulianas d'esta cidade, por força de execução que por este juizo move Roza Maria, viuva, do lugar do Rio, freguezia de nossa Senhora da Oliveira d'esta dita cidade, contra Maria Joanna de Araujo, viuva, d'esta mesma cidade.

Quem nas ditas cazas pertender lançar, pôde comparecer no referido dia, local e hora. (26)

HOSPITAL

DA

VENERAVEL ORDEM TERCEIRA SERAPHICA, DE GUIMARÃES.

MOVIMENTO DOS DOENTES NO MEZ DE SETEMBRO DE 1863.

Doentes.	Homens	Mulheres	Total	Total geral
Existiam em 31 de Agosto	3	3	6	10
Entraram no mez de Setembro	2	2	4	
Sahiram curados no dito mez	3	1	4	10
Falleceram no dito mez	—	—	—	
Existem em 30 de Setembro	2	4	6	

MOVIMENTO DOS ENTREVADOS NO MEZ DE SETEMBRO DE 1863.

Entrevados	Homens	Mulheres	Total	Total geral
Existiam em 31 de Agosto	7	4	11	11
Entraram no mez de Setembro	—	—	—	
Sahiram no dito mez	—	—	—	11
Falleceram no dito mez	—	—	—	
Existem em 30 de Setembro	7	4	11	